

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**O MOVIMENTO PENTECOSTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL**

WILLIANS DE LIRA AMARAL

São Paulo

2023

WILLIANS DE LIRA AMARAL

**O MOVIMENTO PENTECOSTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção do título de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica
Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Luciano Alves.

São Paulo

2023

AMARAL, WILLIANS DE LIRA

O MOVIMENTO PENTECOSTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL / WILLIANS DE LIRA AMARAL. –
SÃO PAULO: FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA, 2023.

42 P.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO COMO
EXIGÊNCIA PARA A CONCLUSÃO DO CURSO DE BACHAREL EM
TEOLOGIA ORIENTADOR: LUCIANO ALVES

1 HISTÓRIA – IGREJA CRISTÃ. 2 TEOLOGIA. 3. CRISTIANISMO. 4.
MISSÕES. I. TÍTULO. II. ALVES, LUCIANO

CDD

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

WILLIANS DE LIRA AMARAL

**O MOVIMENTO PENTECOSTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL**

BANCA EXAMINADORA

SÃO PAULO

2023

DEDICATÓRIA

À minha esposa Débora,

minha ajudadora e maior incentivadora.

À minha filha Liz,

que me inspira a ser um pai e homem melhor.

Aos meus pais Vivaldo e Isabel,

que me fizeram o homem que sou hoje.

Ao meu irmão Emerson,

que sempre esteve presente e me encorajando.

Agradeço com muita estima e respeito:

A Deus, pelo cuidado, discernimento, coragem e sustento.

À minha ESPOSA, MINHA filha, meus pais, irmão e amigos pela compreensão e incentivo neste tempo.

Ao professor e mestre Luciano Alves, meu orientador, pela paciência, por dedicar e compartilhar comigo momentos de sabedoria e aprendizado.

Ao apóstolo Luiz Henrique Araújo e sua família, pelo amor, cuidado, incentivo e encorajamento constante.

RESUMO

Esta pesquisa visa abordar os temas sobre o Pentecostalismo e suas contribuições para o ministério de leigos no Brasil, através de um estudo sobre as origens do Pentecostalismo, principais personagens deste movimento e suas histórias, os desdobramentos teológicos e missionais desencadeados a partir deste e as contribuições aos primeiros crentes pentecostais no Brasil e ao evangelismo em solo brasileiro. Através de uma pesquisa bibliográfica, a partir de relatos de autores como Robert Owens (2011), Vinson Synan (2011), Frank Bartleman (1925), Emilio Conde (1960), dentre outros, o trabalho foi desenvolvido a fim de produzir melhor compreensão de tais assuntos, embora recorrentemente visitados.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Rua Azusa. Espírito Santo. História Religiosa. Ministério dos Leigos. Evangelização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O PENTECOSTALISMO A PARTIR DA RUA AZUSA	10
1.1 As origens do Pentecostalismo	12
2. RUA AZUSA: OS PRINCIPAIS NOMES RELACIONADOS AO INÍCIO DO MOVIMENTO.	14
2.1 Charles F. Parham (1873-1929), “o pai do reavivamento pentecostal do século XX”	14
2.2 William Joseph Seymour (1870-1922): Brother Seymour, “o negro profeta de Azusa Street”	17
2.3 Frank Bartleman	20
3. A ÊNFASE DO ESPÍRITO SANTO NOS CULTOS DA RUA AZUSA E SEUS DESDOBRAMENTOS	24
4. INFLUÊNCIA DO AVIVAMENTO DA RUA AZUSA NOS CULTOS PENTECOSTAIS CONTEMPORÂNEOS	27
4.1 Reflexões Contínuas sobre o Avivamento da Rua Azusa.....	27
4.2 Contribuições Teológicas e Contextuais de Dayton e Dempster	28
5. O PENTECOSTALISMO E O MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL... ..	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	37

INTRODUÇÃO

O Pentecostalismo, com suas raízes na Rua Azusa e sua expansão global, emerge como um fenômeno de impacto notável na história religiosa e cultural. Este trabalho se propõe a examinar de maneira aprofundada a interação dinâmica entre o Pentecostalismo e o ministério dos leigos no contexto brasileiro. A influência desse movimento transcende não apenas as fronteiras denominacionais, mas também desafia as concepções convencionais de culto e espiritualidade, colocando ênfase nas experiências pessoais e nas manifestações do Espírito Santo.

A pesquisa aborda a história do Pentecostalismo, ancorando-se nas contribuições de Synan (2011), Bartleman (1925) e Roberts (2015), que contextualiza o avivamento da Rua Azusa e sua influência duradoura, e Dayton (1987), que explora as raízes teológicas do movimento. Além disso, McGee (2011) oferece insights sobre o espetacular crescimento do Pentecostalismo no Brasil, especialmente através dos esforços missionários de Daniel Berg e Adolf Gunnar Vingren.

A problematização que se propõe esta pesquisa reside na análise do papel crucial desempenhado pelos leigos na propagação e consolidação do Pentecostalismo no Brasil. Ao projetar essa análise sobre o presente, este trabalho visa destacar não apenas a influência histórica, mas também a interseção contínua entre o Pentecostalismo e o ministério dos leigos no cenário religioso brasileiro. Assim, esta pesquisa não apenas explora o passado, mas também lança luz sobre a vitalidade contemporânea dessa interação, contribuindo para a compreensão da formação única da identidade Pentecostal no Brasil.

1. O PENTECOSTALISMO A PARTIR DA RUA AZUSA

Neste primeiro capítulo a proposta é apresentar os principais elementos da história do pentecostalismo e como ele teve seu ponto de partida evidenciado no movimento da Rua Azusa. No início do século XX, o movimento pentecostal emergiu como uma expressão religiosa caracterizada por sua ênfase na experiência direta com o Espírito Santo. Essa corrente cristã enfatiza a importância das manifestações sobrenaturais, como o falar em línguas, profecias, curas e outros dons espirituais. Para compreendermos o Pentecostalismo em sua essência, é fundamental explorar suas origens, principais figuras e teologias.

O Pentecostalismo tem suas raízes no avivamento do início do século XX, que culminou com o famoso avivamento da Rua Azusa em Los Angeles, Califórnia, entre 1906 e 1909. Esse movimento, liderado por William J. Seymour, teve como marco a crença na experiência do "batismo no Espírito Santo" como uma segunda obra da graça após a conversão. A ênfase nas manifestações espirituais, especialmente o falar em línguas, rapidamente se espalhou e deu origem ao movimento pentecostal.

Como pano de fundo histórico e antecessor à Rua Azusa, Leonildo Silveira Campos (2005) diz que a crescente busca pela "santificação" foi assim estimulada pela formação de instituições como a National Holiness Association (1867), que abriu caminho para eventos como *camp meeting*, centros de reavivamento religioso, montados em região rural, para onde as pessoas eram convidadas por pregadores como Alfred Cookman (apud Synan, 2011, p. 22), que assim se dirigia ao público: "nós afetuosamente convidamos a todos [...] a vir conosco e gastar uma semana com Deus no grande templo da natureza". Para esses eventos, havia convites que incluíam expressões como "receber o batismo com o Espírito Santo". Nesses encontros eram comuns experiências extáticas, que depois se tornariam parte integrante da identidade pentecostal.

Essa situação, principalmente no interior da Igreja Metodista, causou inúmeros confrontos, resolvidos somente a partir de 1885, quando começaram a surgir igrejas autônomas, que adotaram o nome de "igrejas *holiness*". Uma parte delas se tornaria igrejas tipicamente pré-pentecostais, como no caso das

igrejas Church of God (Cleveland, 1886); United Holy Church of América Inc. (1886); Fire Baptized Holiness Church (1898); Pentecostal Holiness Church (1899); Pentecostal Union (1901). Algumas dessas igrejas iriam aderir oficialmente ao movimento pentecostal nos anos seguintes, seguindo os modelos implantados por William Seymour, em Azusa Street, a partir de 1906.

Portanto, os eventos em Topeka, Los Angeles ou Chicago não foram frutos do acaso, nem tampouco pioneiros nesse processo crescente de pentecostalização de igrejas protestantes norte-americanas. Todavia, esses movimentos de busca de santidade e batismo com o Espírito Santo apontam muito mais para a continuidade do que para as rupturas desse nascente pentecostalismo em relação ao protestantismo avivalista e puritano que o gerou. (CAMPOS, 2005 p.106)

Robert Owens fornece uma análise aprofundada sobre a Rua Azusa, destacando a importância do evento para o surgimento do Pentecostalismo global. Ele explora como o avivamento na Rua Azusa moldou as crenças e práticas pentecostais, enfatizando a centralidade do Espírito Santo. Ele afirma que a Rua Azusa foi um ponto de virada crucial, onde a manifestação do Espírito Santo se tornou o cerne do culto pentecostal global. (2015, p. 72).

Vinson Synan oferece uma perspectiva abrangente sobre o Pentecostalismo ao longo do século XX, incluindo uma análise detalhada da Rua Azusa. Ele destaca como a experiência do Espírito Santo na Rua Azusa influenciou o desenvolvimento do movimento pentecostal ao longo do tempo. Synan ainda descreve que o avivamento na Rua Azusa não apenas marcou o início do Pentecostalismo, mas também estabeleceu um padrão para a busca do Espírito Santo em outras partes do mundo. (2011, p. 45)

Já Hollenweger examina as origens e o desenvolvimento global do Pentecostalismo, com foco em como eventos como a Rua Azusa moldaram o movimento. Ele aborda a ênfase na experiência do Espírito Santo e como essa ênfase se manifestou em diferentes contextos culturais (1997, p. 54).

E ainda sobre o assunto, Anderson oferece uma visão específica sobre a Rua Azusa, destacando como a experiência do Espírito Santo nesse avivamento

influenciou o Pentecostalismo. Ele aborda características distintivas do movimento que surgiram na Rua Azusa (2006, p. 54).

1.1 As origens do Pentecostalismo

Vinson Synan relata que a história dos pentecostais, no sentido moderno da palavra, tem seu ponto de partida na escola bíblica de Parham, em Topeka, Kansas, em 1901. A despeito da controvérsia sobre as origens e a época exata em que Charles Parham começou a dar ênfase ao dom de línguas, todos os historiadores concordam que o movimento começou no início de 1901, quando o mundo adentrava o século XX. Em consequência do Pentecoste que eclodia em Topeka, Parham formulou a doutrina de que as línguas eram a “evidência bíblica” do batismo no Espírito Santo (2011, p. 18).

Synan traz um fato muito interessante sobre uma experiência vivida na escola bíblica onde Parham iniciou seus ensinamentos:

Em 1º de janeiro de 1901, uma jovem chamada Agnes Ozman foi batizada com o Espírito Santo numa pequena escola bíblica em Topeka, no Kansas. Aluna de Charles Fox Parham, ex-pastor metodista e professor da Igreja Holiness, Agnes experimentou uma impressionante manifestação do dom de línguas e tornou-se a primeira pentecostal do século XX. “Impus as mãos sobre ela e orei”, declara Parham, recordando aquele momento. “Eu mal havia completado três frases, quando a glória desceu sobre ela. Uma auréola luminosa parecia envolver sua cabeça e seu rosto, e ela começou a falar em chinês. Durante três dias, não conseguiu falar uma palavra em inglês” (Synan, 2011, p.15).

Mesmo em meio aos novos ensinamentos aplicados a partir da escola bíblica liderada por Parham, o pentecostalismo, no entanto, não chamou a atenção do mundo até 1906. Isso aconteceu com o avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, liderado pelo pastor William Joseph Seymour. Ele tomou conhecimento do batismo no Espírito Santo com línguas em 1905, numa das escolas bíblicas de Parham, em Houston, Texas.

Antes de chegar à Rua Azusa em 1906, Seymour foi rejeitado na igreja da Pra. Neely Terry. Após este episódio, recebeu acolhimento na casa de um membro dessa igreja e ali iniciou as reuniões, na Rua Boni Brae, antes convidado

a pastorear uma igreja Holiness negra em Los Angeles. As famosas reuniões da Rua Azusa começaram em abril daquele mesmo ano, no antigo prédio da Igreja Episcopal Metodista Africana, situada na Rua Azusa, 312, no centro de Los Angeles.

Os acontecimentos relacionados ao avivamento da Rua Azusa fascinaram os historiadores durante décadas e até hoje não foram plenamente entendidos e explicados. A Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa realizava três cultos por dia, sete dias por semana, durante três anos e meio. Milhares de pessoas receberam o batismo no Espírito Santo com a evidência inicial do falar em línguas.

Synan conclui que, da Rua Azusa, o pentecostalismo espalhou-se com rapidez pelo mundo e cresceu a ponto de se tornar a maior força da cristandade décadas mais tarde, colocando William Seymour como uma das mais importantes figuras religiosas do século XX. Notáveis historiadores da religião dos povos da América colocam Seymour no topo da lista dos líderes religiosos negros dos Estados Unidos, declarando que a piedade desse homem “exerceu a maior influência sobre a história religiosa dos Estados Unidos” (2011, p. 119).

2. RUA AZUSA: OS PRINCIPAIS NOMES RELACIONADOS AO INÍCIO DO MOVIMENTO.

O Pentecostalismo, como movimento religioso distintivo, emergiu no início do século XX com uma ênfase singular na experiência direta com o Espírito Santo. Essa emersão teve culminação no movimento da Rua Azusa, como já vimos anteriormente. O intuito a partir de agora é explanar sobre as figuras-chave deste movimento e em como eles desempenharam papéis cruciais na sua formação e desenvolvimento. Explorando as obras mencionadas nas referências bibliográficas, é possível obter “insights” mais profundos sobre a vida e as contribuições desses indivíduos.

2.1 Charles F. Parham (1873-1929), “o pai do reavivamento pentecostal do século XX”

Sobre o início da sua história, Owens descreve Parham como sua juventude foi marcada por algumas enfermidades e com a perda da mãe ainda na adolescência:

Parham nasceu em Muscatine, no Iowa, em 4 de junho de 1873. Durante a juventude, sofria com a saúde debilitada, chegando a ficar confinado ao leito meses a fio. Ainda em tenra idade, enquanto amargava suas enfermidades, ele se convenceu de que havia recebido um chamado para o ministério e começou a ler e estudar a Bíblia com muita dedicação. Quando tinha 13 anos de idade, sua mãe morreu, lançando-o a mais um período de sofrimento. Durante essa crise, ele “nasceu de novo”, por uma influência do ministério do irmão Lippard, da Igreja Casa Congregacional (Owens Aput. Synan 2011, p.64).

Parham nasceu em uma época de transformações religiosas e sociais nos Estados Unidos. Ele buscou influências em diversas tradições religiosas, incluindo o metodismo e o avivamento de Holiness. Seu desejo de examinar as Escrituras em busca de uma experiência mais profunda com Deus o levou a enfatizar a doutrina do batismo no Espírito Santo como uma experiência subsequente à salvação.

Esse exame às Escrituras habilitou Parham a ensinar que o dom de línguas era uma evidência física do batismo no Espírito Santo. Ele argumentava que esse dom, conforme descrito nos Atos dos Apóstolos, era uma manifestação externa do Espírito Santo que confirmava a presença divina. Essa ênfase no dom de línguas tornou-se uma característica distintiva do pentecostalismo em todo o mundo. Ao promover a doutrina do batismo no Espírito Santo, Parham não apenas articulou um ponto de vista teológico, mas também forneceu uma linguagem e uma estrutura para compreender a experiência espiritual dos crentes. Ele estabeleceu os alicerces teológicos que ajudaram a unificar o movimento em crescimento e a diferenciá-lo de outras tradições cristãs.

Campos em seu artigo (2005), descreve que Parham foi uma figura emblemática entre os pioneiros do pentecostalismo, pois se tornou o primeiro pregador a fazer a ligação entre experiências extáticas, com manifestações de transe e glossolalias (o falar em “línguas desconhecidas”), e a teoria do “batismo com o Espírito Santo”, conforme observações de Burgess e McGee (1995, p. 660). Essa experiência mística foi identificada por eles como idêntica à que tiveram os apóstolos de Jesus no período da Festa de Pentecostes.

Segundo Campos (2005), os eventos que tornaram Parham conhecido se deram no primeiro dia do ano de 1901, quando ele era diretor-fundador do Bethel Bible College, na cidade de Topeka, no Kansas, uma organização onde se misturavam a prática da cura divina, assistência espiritual e material a pessoas pobres com o treinamento para jovens que desejavam ingressar nas atividades missionárias. Parham divulgava as suas ideias por meio de um jornal, cujo nome era aplicado ao seu movimento: *The Apostolic Faith* (A Fé Apostólica). Por meio dessa e de outras publicações, ele defendia a necessidade das pessoas se submeterem a uma “terceira bênção” em sua carreira de fé, embora a tradição metodista falasse em apenas duas bênçãos: “conversão” e “santificação”.

Naquelas semanas, relata Campos (2005), no final de ano e de século, recém-chegado de um período de viagens para se recuperar de uma depressão, Parham encontrou os seus estudantes divididos por companheiros que tentaram ocupar o seu lugar no Bethel Healing Home. Retomando a liderança ele voltou a insistir com seus alunos a buscarem o “batismo com o Espírito Santo” e o seu sinal físico atestador: o “falar em línguas”. Em uma reunião de oração, na noite

de passagem de ano, uma de suas estudantes, Agnes N. Ozman Laberge (1870-1937), entrou em êxtase e falou em “línguas desconhecidas”, confirmando a tese de Parham.

Nas semanas e meses seguintes, após outras pessoas terem a mesma experiência, inclusive o próprio Parham, o grupo, com muito entusiasmo, passou a se deslocar em caravanas, visitando outras regiões do país. Em 1905 Parham está no Texas, e em Houston inicia uma escola bíblica. Um de seus alunos, o negro William Seymour, que por causa do racismo de Parham assistia às aulas a partir de uma cadeira colocada no corredor do lado de fora da sala, levaria o reavivacionismo pentecostal para Los Angeles. A partir de então a pregação pentecostal foi avançando para outras regiões dos EUA. Em 1900, G. B. Cashwell (que aceitaria a mensagem pentecostal em 1906) funda a Igreja Holiness Pentecostal, e C. H. Mason funda a Igreja de Deus em Cristo, em 1907.

Parham foi, durante alguns anos, pastor metodista, embora em sua juventude tenha tentado estudar medicina antes de optar pelas atividades religiosas. Todavia, a sua inserção nessa denominação religiosa durou apenas cinco anos e ele abandonou a Igreja Metodista por causa de sua crença pessoal na cura divina. Depois dessa experiência, Parham nunca mais retornaria aos esquemas denominacionais, dedicando-se até o final de sua vida às atividades missionárias, usando para isso tendas de lona e visitando muitas regiões dos EUA (Campos, 2005 p.109).

Segundo Owens (2015), Charles Parham é reconhecido pela maioria como o formulador da doutrina pentecostal e fundador teológico do movimento. Mais do que apenas um líder religioso, foi um visionário que desempenhou um papel fundamental na definição das crenças e práticas do movimento pentecostal. Sua ênfase no batismo no Espírito Santo e sua busca por uma experiência espiritual mais profunda moldaram não apenas o curso do movimento, mas também a espiritualidade de inúmeros crentes em todo o mundo.

Hollenweger (1997) fornece uma análise mais abrangente da contribuição de Charles Parham para o movimento pentecostal. Ele explora a influência de Parham na formulação da doutrina do batismo no Espírito Santo e na ênfase na

experiência direta com Deus. O livro destaca como Parham ajudou a moldar as crenças e práticas do pentecostalismo nascente, tornando-se uma figura central no movimento.

O livro de Roberts (2015) contextualiza o papel de Charles Parham no avivamento da Rua Azusa e sua influência na propagação das crenças pentecostais. Ele destaca como Parham introduziu a doutrina do batismo no Espírito Santo como uma experiência subsequente à salvação e como essa crença se tornou uma característica distintiva do movimento.

Synan (2011) oferece “insights” sobre Charles Parham e sua contribuição para o movimento pentecostal. Ele explora como Parham defendeu a experiência do batismo no Espírito Santo como uma realidade atual para os crentes e como essa ênfase se espalhou para outros líderes e comunidades pentecostais.

Portanto, Charles Fox Parham com sua paixão pela busca espiritual e seu compromisso com a experiência direta do Espírito Santo, desempenhou um papel crucial na fundação do pentecostalismo. Sua visão teológica e seu desejo de levar os crentes a um relacionamento mais profundo com Deus deixaram uma herança rica e complexa. Ao explorar suas contribuições, fica evidente o convite para contemplar não apenas a história do movimento pentecostal, mas também as implicações mais amplas da busca espiritual e da relação entre a experiência humana e o divino.

2.2 William Joseph Seymour (1870-1922): Brother Seymour, “o negro profeta de Azusa Street”

Robert Owens traz um resumo bem objetivo e desenvolvido referente a vida de Seymour:

Nascido em Lousiana, filho de escravos libertos, Seymour era um negro baixinho e robusto, cego de um olho e agraciado com um espírito manso e humilde. Ele começou uma odisséia espiritual ainda na infância, quando fez profissão de fé num culto metodista. No início de sua fase adulta, mudou-se para Indianápolis, onde se filiou a uma igreja metodista. Mais tarde,

estabeleceu relações com a igreja de Deus (Anderson, Indiana), pela qual recebeu a ordenação ministerial. Seymour passou alguns anos pregando em várias igrejas dessa denominação. Chamados santos da Luz do Alvorecer, os defensores da doutrina holiness submeteram Seymour aos seus ensinamentos mais radicais (Owens, 2011, p.69).

John Nichols descreve que Seymour era um homem de fala suave e simples, mas não um orador. Ele falava a linguagem comum de gente sem instrução. Podia pregar durante quarenta e cinco minutos sem demonstrar mais emoção que um poste. Não era do tipo que levantava os braços como para lançar raios e trovejar, nem era possível imaginá-lo fazendo isso (1981, p.33).

Foi em Topeka, Kansas, que ele encontrou as sementes do movimento pentecostal, estudando na escola bíblica de Charles Parham. Sua visão teológica foi profundamente enriquecida durante seu tempo em Topeka, e ele trouxe esse conhecimento com ele quando foi convidado a liderar uma missão em Los Angeles.

Campos (2005) descreve que Seymour, um negro, filho de ex-escravos da Louisiana, então com 36 anos de idade, começou, em abril de 1906, num templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, no bairro negro de Los Angeles, uma caixa preta, da qual começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país. Em 18 de abril de 1906, o jornal Los Angeles Times publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de “uma sobrenatural babel de línguas” e de uma “nova seita de fanáticos” formada em sua maioria por negros e imigrantes pobres, liderados por um pregador negro, William Seymour. Todavia, Los Angeles era uma cidade originadora de vários novos movimentos, mesmo assim não passou pela cabeça do repórter daquele jornal que estava descrevendo uma explosão emocional de uma religião de origem protestante que estava destinada a ganhar o mundo em menos de um século.

Campos (2005) ainda afirma que a biografia de William Joseph Seymour é muito mais conhecida e devassada do que a de Charles Parham. Dele os seus admiradores registraram que era “um homem que andava e falava com Deus” (William Durham, 1907) e que “Deus estava com ele” (John G. Lake, em *Spiritual*

Hunger). Por isso, um outro contemporâneo escreveu que “Brother Seymour tem mais poder com Deus e mais poder de Deus do que seus críticos” (em *Gospel Witness*, reproduzido in *The Apostolic Faith*, fevereiro-março de 1907). Larry Martin, em uma trilogia sobre o “avivamento de Azuza Street”, dedicou um volume inteiro ao *The Life and Ministry of William J. Seymour*. Esse livro faz parte de uma coleção intitulada *The Azuza Street Library*, que publicou, entre outros, títulos como *Apostolic Faith Mission*, *The True Believers* (parte 1 e dois), *Azuza Street Sermons*.

Campos (2005) relata que Quando Seymour nasceu, 47% da população do seu estado natal era formada por ex-escravos. O ódio racial era intenso, e a Ku Klux Klan e outros grupos terroristas atuavam livremente naquela região. Seu pai, tão logo veio a libertação dos escravos, alistou-se num dos batalhões do exército que lutava contra os Confederados. Cinco anos após o final da Guerra Civil o menino William nasceu e foi batizado na Igreja Católica. Somente na sua adolescência se tornaria batista. Com 25 anos de idade emigrou para Indianápolis (1895), onde trabalhou como garçom em restaurantes e, depois, como representante comercial; nessa época se tornou membro da Igreja Metodista Episcopal, uma congregação negra. Algum tempo depois, Seymour se mudou para Houston, depois de ter passado por Cincinnati entre 1902-03, ali ele se uniu aos holiness, frequentando uma igreja pastoreada por uma mulher, que logo em seguida deixou Seymour como seu sucessor e foi trabalhar na casa de Charles Parham como governanta. Quando, em dezembro de 1905, Parham transferiu a sua escola bíblica para Houston, onde Seymour assistia às aulas, assentado em uma cadeira colocada para ele no corredor, por causa do racismo de Parham, conforme registram Burgess e McGee (1995, p. 780). Data daí a sua ligação com as teorias e práticas pentecostais divulgadas por Parham.

O nome de William J. Seymour é intrinsecamente ligado ao avivamento da Rua Azusa, um marco crucial no nascimento do Pentecostalismo. Roberts (2015) revela a liderança carismática de Seymour durante o avivamento. Através do seu ministério, ele enfatizou a busca pela experiência do “batismo no Espírito Santo” como uma experiência distintiva para os crentes. A influência de Seymour se estendeu para além das fronteiras da Rua Azusa, à medida que suas

pregações e ensinamentos se disseminaram internacionalmente, moldando as bases do movimento pentecostal global.

Seymour Ele acreditava que essa experiência permitia aos crentes acessarem um nível mais alto de espiritualidade e serviço. Suas reflexões sobre a experiência espiritual eram moldadas por sua própria busca pessoal e por sua observação das manifestações do avivamento da Rua Azusa. Ele via as línguas estranhas como um sinal tangível da presença do Espírito Santo e uma evidência da renovação espiritual.

William J. Seymour desempenhou um papel inestimável na formação do pentecostalismo moderno. Sua teologia da experiência direta com o Espírito Santo e seu compromisso com a igualdade racial deixaram um legado duradouro. Suas reflexões sobre a busca espiritual e a importância da presença do Espírito Santo continuam a ser estudadas e inspiram crentes em todo o mundo a buscarem uma conexão mais profunda com Deus.

2.3 Frank Bartleman

Frank Bartleman nasceu em 1º de junho de 1871, em New Brunswick, Canadá. Pouco se sabe sobre sua infância e anos iniciais antes de seu envolvimento no Movimento da Rua Azusa, pois Bartleman não forneceu muitos detalhes autobiográficos em suas escritas conhecidas.

Bartleman foi um evangelista e diarista norte-americano, conhecido por sua participação ativa e documentação do avivamento da Rua Azusa. Ele registrou suas observações e experiências em um diário que oferece uma visão única e detalhada desse avivamento. Por se tratar de uma testemunha ocular do movimento Rua Azusa, Bartleman se torna uma peça extremamente relevante para esta pesquisa. Eis aqui um dos relatos feitos pelo próprio Bartleman em seu livro “A História da Rua Azusa” (1925):

Eu fui para casa e depois de um período de oração, o Senhor me mostrou que deveria voltar para reunião que havia sido transferida da Rua Bonnie Brae para a Rua Azusa, 312. Haviam alugado uma velha casa de madeira que fora antes uma igreja

metodista, no centro da cidade, e que durante muito tempo não fora usada para reuniões. Tornara-se um depósito de madeira velha e cimento, mas agora limpavam a sujeira e o entulho o suficiente para colocar no meio umas tábuas, em cima de barris velhos. Desta forma, dava lugar para cerca de trinta pessoas, se é que me lembro corretamente. Sentavam-se formando um quadrado, olhando uns para os outros. Senti tremenda pressão interior para ir à reunião daquela noite. Era minha primeira visita a Missão Azusa. Mamãe Wheaton, que estava vivendo conosco naquela época, iria junto. Ela andava tão devagar que eu mal conseguia esperá-la. Chegamos lá finalmente e encontrei cerca de doze irmãos, alguns brancos e alguns negros. O Irmão Seymour estava lá dirigindo. A "arca do Senhor" começou a se mover vagorosamente, mas com firmeza em Azusa. No princípio era carregada nos ombros de sacerdotes indicados por Ele mesmo. Não tínhamos nenhuma "carroça nova" naqueles dias para agradar as multidões mistas e carnais. Tínhamos de combater contra Satanás, mas a "arca" não era puxada por bois (bestas ignorantes). Os sacerdotes estavam "vivos para Deus", através de muita preparação e oração. O discernimento não era perfeito, e o inimigo tirou algum proveito disto, e trouxe algumas críticas ao trabalho, mas os irmãos logo aprenderam a "apartar o precioso do vil". Todas as forças do inferno estavam combinadas contra nós no princípio. Nem tudo era bênção. Na realidade, a luta foi tremenda. Satanás procurava espíritos imperfeitos, como sempre, para destruir a obra, se possível. Mas o fogo não podia ser apagado. Irmãos fortes haviam se reunido com a ajuda do Senhor. Aos poucos levantou-se uma onda de vitória. Mas tudo isto veio de um pequeno começo, uma pequenina chama (BARTLEMAN, 1925 p.37-38).

Synan (2011) relata que Frank Bartleman, devido a sua proximidade ao movimento, dizia que William Seymour era o pregador que estava sempre tentando descobrir o “próximo movimento de Deus” (2011, p.71). Bartleman testemunhou as primeiras manifestações do batismo no Espírito Santo ocorridos na Rua Azusa.

Ainda na obra “O século do Espírito Santo” de Vinson Synan (2011) credita um descritivo da missão da Rua Azusa à Frank Bartleman, com detalhes bem realistas do que ocorria nas reuniões:

A sede dessa obra era um antigo prédio de madeira de uma igreja metodista que fora posto à venda, parcialmente queimado, coberto por um telhado plano e construído com dois pavimentos. Não era rebocado, apenas pintado de branco sobre o revestimento bruto. Na parte de cima, havia um salão equipado com cadeiras e três pranchas de madeira de sequoia da Califórnia que também serviam de assentos. Esse era o "cenáculo" pentecostal, no qual almas santificadas buscavam a

plenitude do Espírito Santo e falavam novas línguas, encontrando o que em tempos antigos era chamado "vinho novo". Naquelas salas pequenas, mãos eram impostas sobre os doentes, e eles voltavam a ser como antes. Na parte de baixo, havia um espaço de 32 metros x 22 metros, com uma miscelânea de cadeiras, bancos e banquetas, nos quais os curiosos e os ansiosos se acomodavam durante horas para ouvir os estranhos sons, canções e advertências vindos do céu. No centro do salão, havia uma caixa retangular, na vertical, coberta com um pano de algodão, a qual um comerciante de sucata avaliara em 15 centavos. Era esse o púlpito do qual o líder, Irmão Seymour, pregava o arrependimento, o perdão, a santificação, o poder sobre os demônios e doenças e o "batismo com o Espírito Santo e com fogo" dos tempos antigos. ARTIGO EXTRAÍDO DE WAY OF FAITH, 11 OUT. 1906, PROVAVELMENTE DA AUTORIA DE FRANK BARTLEMAN (SYNAN, 2011 p.75).

Bartleman, por ter sido uma testemunha ocular, ainda retrata o fato de que o avivamento tinha que começar em um ambiente humilde para que o elemento egoísta e humano não entrasse. Em mais este breve relato, fica notório que a única preocupação de todos que se achegavam àquele lugar era de mergulhar em Deus, e mais nada:

Queríamos Deus. Quando chegávamos à reunião evitávamos o máximo possível cumprimentar e conversar uns com os outros. Queríamos primeiro chegar a Deus. Colocávamos a cabeça embaixo de algum banco em oração e entrávamos em contato com os homens só no Espírito; não os conhecíamos mais na carne. As reuniões começam espontaneamente com testemunhos, louvor e adoração. Os testemunhos nunca eram apressados pela agitação do homem. Não tínhamos um programa preestabelecido que tinha de ser empurrado de qualquer maneira. Nosso tempo pertencia a Deus (BARTLEMAN, 1925, p.50).

Nota-se então que Frank Bartleman, foi uma figura crucial no avivamento da Rua Azusa, desempenhou um papel multifacetado no desenvolvimento do movimento pentecostal. Bartleman ficou notório por seu extenso diário, uma obra detalhada que documenta minuciosamente o avivamento da Rua Azusa. Esses registros fornecem uma visão única e valiosa das atividades, manifestações espirituais e ensinamentos durante esse período crucial na história do pentecostalismo (1925).

Cecil M. Robeck declara que Bartleman não foi apenas um observador; sua participação ativa nos cultos, nas orações e nas atividades da Rua Azusa contribuiu significativamente para a atmosfera fervorosa do movimento. Sua

dedicação e paixão foram elementos-chave que moldaram a experiência coletiva do avivamento. (2006 p. 68)

Tommy Welchel (2013) cita em sua obra que em um período de segregação racial, Bartleman destacou-se como um defensor da unidade racial na Rua Azusa. Ele desafiou as barreiras sociais e raciais, ressaltando a diversidade de participantes no avivamento e promovendo uma comunidade inclusiva.

Após o avivamento, Bartleman manteve-se ativo em atividades evangelísticas e missionárias. Suas viagens para diferentes lugares para pregar e promover a mensagem pentecostal contribuíram para a expansão global do movimento. Embora nem todas as suas ideias fossem universalmente aceitas, a contribuição abrangente de Frank Bartleman na documentação, promoção e vivência do avivamento da Rua Azusa o estabelece como uma figura notável na história do pentecostalismo.

3. A ÊNFASE DO ESPÍRITO SANTO NOS CULTOS DA RUA AZUSA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Os cultos pentecostais são caracterizados por uma intensa ênfase na experiência direta do Espírito Santo. O livro de Synan (2011), *O Século do Espírito Santo: 100 Anos de Renovação Pentecostal e Carismática, 1901-2001*, traça a trajetória desse movimento ao longo de um século, analisando a evolução das práticas e crenças pentecostais relacionadas ao Espírito Santo. Synan destaca a centralidade do Espírito nas vidas dos crentes pentecostais e como essa relação se reflete em cultos marcados por manifestações espirituais, como línguas estranhas e curas divinas.

Com base na obra de Synan, o maior fenômeno antiestruturalista associado ao avivamento da Rua Azusa era a sua marca registrada da experiência: o falar em línguas, que determinou o rumo do movimento. Foi essa experiência que relegou ao esquecimento os embaraços das convenções humanas e entregou as rédeas ao Espírito Santo. Nos discursos extáticos, a agência humana era inteiramente negada, e a própria estrutura da linguagem era posta de lado. Em todas as ocorrências desse tipo verificadas naquele avivamento, a clara delimitação entre o comum e o extraordinário apresentava uma feição unificada. (SYNAN, 2011 p.80)

Bartleman em sua obra como testemunha ocular do movimento Rua Azusa, descreve como a experiência e ênfase no Espírito Santo eram latentes e proporcionavam aos ouvintes, frequentadores e membros de Rua Azusa uma manifestação intensa e corriqueira de Deus em seus encontros. Ele menciona que o amor divino se manifestava maravilhosamente nestas reuniões. Acrescenta que não se permitia nem sequer uma palavra indelicada contra os inimigos ou outras igrejas. A mensagem era o amor de Deus. Segundo Bartleman, era como se o primeiro amor da igreja primitiva houvesse retornado. Era como se o batismo que receberam no princípio não permitisse que as pessoas pensassem, falassem ou ouvissem o mal contra nenhuma criatura. Bartleman relata ainda que o Espírito Santo era muito sensível como uma pomba delicada, sem fel algum, e por conta dessa sensibilidade, o autor conta que os

irmãos sabiam imediatamente quando magoavam o Espírito através de um pensamento ou de uma palavra. Bartleman conclui seu relato mencionando a segurança que os irmãos da Rua Azusa testemunhavam ao submeterem ao julgamento do Senhor todos os assuntos, sem buscarem a defesa de seus trabalhos, feitos ou vanglórias pessoais, o contentamento deles era a maravilhosa e atual presença de Deus, e nada contrário ao puro Espírito Santo era permitido no meio deles (BARTLEMAN, 1925 p. 44).

De acordo com a proposta deste capítulo, um outro relato de Frank Bartleman expõe detalhes sobre como era a realização dos cultos em Rua Azusa e seus desdobramentos:

O irmão Seymour geralmente ficava sentado atrás de duas caixas vazias, uma em cima da outra. Usualmente mantinha a cabeça dentro de uma delas, durante o culto, em oração. Não havia orgulho aqui. Os serviços religiosos eram quase que contínuos. Almas sequiosas podiam ser encontradas sob o poder de Deus quase a qualquer hora, de dia ou de noite. Nunca o local estava fechado ou vazio. O povo vinha se encontrar com Deus. Ele estava ali. Por isso a reunião era contínua e não carecia de liderança humana. A presença de Deus tornava-se mais e mais maravilhosa. Naquele velho prédio de teto baixo e piso descoberto Deus fazia em pedaços homens e mulheres fortes e tornava a juntá-los outra vez para Sua glória. Era um tremendo processo de desmontagem e revisão geral. O orgulho e a autoafirmação, a auto importância e a autoestima, não podiam sobreviver aqui. O ego religioso pregava rapidamente seu próprio sermão de enterro. Nenhum assunto ou pregação era anunciado de antemão e nenhum pregador especial havia para essa hora. Ninguém sabia o que iria acontecer e nem o que Deus faria. Tudo era espontâneo, comandado pelo Espírito. Queríamos ouvir Deus através de quem Ele falasse. Não fazíamos acepção de pessoas. Os ricos e cultos eram iguais aos pobres e ignorantes e era muito mais difícil para aqueles morrerem. Só reconhecíamos a Deus. Todos eram iguais. Nenhuma carne podia se gloriar na Sua presença, e Ele não podia usar quem tivesse opiniões próprias. Eram reuniões do Espírito Santo, guiadas pelo Senhor. (BARTLEMAN, 1925 p.48-49)

Gordon D. Fee (2015) traz uma abordagem teológica referente ao papel do Espírito Santo na experiência cristã primitiva, com base nas cartas de Paulo. Ele trata esse ponto, afirmando que a única teologia que importa é a que se traduz em vida; e o entendimento de Paulo acerca do Espírito Santo é fundamentalmente uma questão de fé vivenciada. A experiência com o Espírito

era a forma pela qual os primeiros crentes recebiam a salvação oferecida por Cristo e começavam a compreender que estavam vivendo no início dos últimos tempos. Para eles, segundo Fee, o Espírito Santo era tanto a prova de que o grande futuro de Deus para o seu povo já havia chegado quanto à garantia de que Deus haverá de concluir o que começou em Cristo. Assim, Fee afirma que o Espírito é o alicerce de toda a experiência e compreensão da vida que eles agora tinham em Cristo (FEE, 2015 p.20-21).

Diante da discussão exposta neste capítulo, o destaque da profunda relação entre os cultos pentecostais e a atuação do Espírito Santo, revelando uma busca constante pela vivacidade espiritual e pela presença divina contínua, são carregados da essência do cristianismo primitivo, onde a ação, liberdade, poder e ênfase no Espírito Santo, marcas fundamentais no movimento da Rua Azusa, revelam uma simplicidade assustadora que raramente se testemunha atualmente no contexto pentecostal e cristão espalhado pelo mundo.

4. INFLUÊNCIA DO AVIVAMENTO DA RUA AZUSA NOS CULTOS PENTECOSTAIS CONTEMPORÂNEOS

A influência do avivamento da Rua Azusa não se limitou à sua época, mas continua a moldar os cultos pentecostais contemporâneos. Burgess (2000), em seu artigo "A Retórica do Avivamento: O Caso do Avivamento da Rua Azusa", examina como as narrativas do avivamento foram transmitidas ao longo do tempo, influenciando a retórica e a identidade pentecostal. O artigo explora como os relatos do avivamento funcionam como um elemento unificador para a comunidade, alimentando a memória coletiva e reforçando a ênfase na presença do Espírito Santo nos cultos.

McGuire (2008), em seu livro *Religião Viva: Fé e Prática na Vida Cotidiana*, contribui para nossa compreensão sobre como as práticas pentecostais atravessam as fronteiras do espaço eclesial. Ao investigar a vivência religiosa no cotidiano, o autor nos permite enxergar como as crenças e práticas relacionadas ao Espírito Santo, influenciadas pelo avivamento da Rua Azusa, permeiam a vida dos crentes, refletindo-se em atitudes e ações cotidianas.

4.1 Reflexões Contínuas sobre o Avivamento da Rua Azusa

O artigo de Burgess (2000), "The Rhetoric of Revivalism: The Case of the Azusa Street Revival," (A Retórica do Avivamento: O Caso do Avivamento da Rua Azusa), Burgess explora como as narrativas do avivamento foram moldadas e transmitidas ao longo do tempo para fortalecer a identidade pentecostal. As histórias de pessoas como Seymour e os eventos da Rua Azusa continuam a inspirar e vincular as gerações sucessivas de pentecostais em sua busca pela experiência espiritual.

4.2 Contribuições Teológicas e Contextuais de Dayton e Dempster

As contribuições teológicas que sustentam o movimento pentecostal são exploradas por Dayton (1987), em *Theological Roots of Pentecostalism* (Raízes Teológicas do Pentecostalismo), e Dempster (1986), em *Spreading the Fire: The Rise of the Pentecostal Holiness Church and the Azusa Street Revival* (Espalhando o Fogo: A Ascensão da Igreja Pentecostal da Santidade e o Avivamento da Rua Azusa). A pesquisa de Dayton investiga as origens teológicas do pentecostalismo, identificando influências do metodismo sobre a formação das crenças pentecostais. Dempster explora a conexão entre a Igreja Pentecostal da Santidade e o avivamento da Rua Azusa, situando o movimento no contexto histórico e teológico mais amplo.

5. O PENTECOSTALISMO E O MINISTÉRIO DOS LEIGOS NO BRASIL: O CASO DA ASSEMBLEIA DE DEUS.

O Pentecostalismo teve um impacto significativo na história religiosa e cultural. Sua influência se estendeu por várias tradições cristãs, dando origem a denominações pentecostais e carismáticas em todo o mundo. Além disso, o movimento desafiou concepções tradicionais de culto e espiritualidade, promovendo um foco renovado nas experiências pessoais e nas manifestações do Espírito Santo.

O livro de Roberts (2015), *A Missão e o Avivamento da Rua Azusa: O Nascimento do Movimento Pentecostal Global*, oferece uma investigação aprofundada do avivamento da Rua Azusa e sua influência duradoura. Roberts contextualiza o avivamento dentro do cenário social e religioso da época, destacando o papel de figuras como Seymour na propagação das crenças pentecostais. Através de testemunhos e documentos da época, o autor ilustra como as manifestações espirituais experimentadas na Rua Azusa moldaram as bases teológicas do Pentecostalismo, com ênfase na continuidade dos dons espirituais.

Por sua vez, a tese de Dayton (1987), *Raízes Teológicas do Pentecostalismo*, examina as raízes teológicas que sustentaram o movimento. Dayton explora as influências que contribuíram para a formação do Pentecostalismo, destacando como o avivamento da Rua Azusa catalisou a convergência de crenças pré-existentes em relação ao Espírito Santo. Ao unir tradições pentecostais, como a busca por experiências espirituais intensas e os dons do Espírito, o avivamento reforçou a convicção de que as manifestações do Espírito eram uma marca da autenticidade religiosa.

Aproximando a pesquisa do enunciado proposto neste capítulo, McGee (2011) expressa que de longe, o mais espetacular crescimento do pentecostalismo foi registrado no Brasil. Vale destacar que a primeira igreja pentecostal foi a Congregação Cristã no Brasil, fundada pelo ítalo-americano Luigi Francescon, mas nossa ênfase se deterá na igreja fundada pelos missionários suecos Daniel Berg e Adolf Gunnar Vingren, missionários estes vindos dos Estados Unidos que renderam ricos dividendos ao pentecostalismo.

O chamado dos missionários suecos para o Brasil aconteceu em um culto de sábado à noite, em 1910, onde Adolf Uldine, membro da igreja em South Bend, profetizou que Deus desejava que ambos fossem para o “Pará” e ali pregassem as boas-novas. Desconhecendo essa localização, eles se dirigiram à Biblioteca Pública de Chicago para consultar um atlas e descobriram no litoral norte do Brasil o Estado do Pará. Sem demora, embarcaram para a capital daquele Estado, Belém, o principal porto da bacia Amazônica. Foram acolhidos calorosamente por um pastor da igreja batista e convidados a se hospedar em sua casa. A atmosfera mudou, entretanto, quando Berg e Vingren começaram a pregar o batismo no Espírito Santo. Em consequência, tiveram de deixar a casa do pastor e com 18 membros da igreja implantaram uma nova congregação, com o nome de Missão da Fé Apostólica e que posteriormente se tornou a Assembleia de Deus, em 1917. (McGee Aput. SYNAN, 2011 p.130)

O desafio da pouca instrução, a ausência de apoio financeiro para a maioria dos missionários e a rejeição de seus colegas evangélicos e de tradição holiness não impediu os pentecostais de encarar a tarefa a que se propunham. O efeito equalizador do derramamento do Espírito Santo capacitou cada cristão a se tornar um pregador, afirma McGee (2011). Em contraste com a piedade racional e formalista de grande parte do cristianismo tradicional que caracterizava a Igreja do início do século XX, a dinâmica empírica da fé pentecostal atraiu o interesse dos povos nos campos missionários, à semelhança do que ocorreu com a civilização ocidental nos tempos do Iluminismo. Uma vez que a vinda de Cristo estava tardando, os pentecostais concluíram que a edificação da Igreja de Cristo demandava mais sinais e maravilhas. Como resultado, seus métodos lembravam os de outros missionários de denominações tradicionais, exceto pela ênfase na ação do Espírito. Além disso, muitos se empenhavam em implantar costumes nativos nas igrejas, embora mesclados com a cultura euro-americana. (McGee Aput. SYNAN, 2011 p.131)

Paul Freston (1996) descreve que a Assembleia de Deus se espalhou, não só com a ação planejada dos líderes, mas também pela mão de leigos, geralmente pessoas simples. Aliás, a expansão para outros Estados parece ter sido provocada pelos leigos, uma vez que Berg evangelizava ao longo da estrada

de Ferro Belém-Bragança e na Ilha de Marajó, enquanto Vingren pastoreava a igreja em Belém. Talvez eles entendessem a profecia que os chamava para o Pará de uma forma limitante. Depois, em boa parte seguiram os migrantes. A formação inicial de uma comunidade foi frequentemente facilitada pela existência de outros grupos protestantes, os quais forneceram uma porcentagem da primeira liderança. (FREESTON, 1996 p.82)

Um fato bem importante para a discussão neste capítulo é que os métodos de evangelização no Brasil, mostram que, enquanto os presbiterianos, metodistas e batistas investiram na educação para alcançar as classes mais abastadas, os pentecostais evangelizavam os seus iguais: nas fábricas, na prestação de serviço e nos afazeres diários.

A expansão do pentecostalismo pregado no Brasil traz muitos testemunhos de como as pessoas comuns (garçons, empregadas domésticas, motoristas, cobradores de ônibus, porteiros, construção civil, roceiros etc.), foram impactadas pela pregação pentecostal com ênfase no Espírito Santo. Na obra História das Assembleias de Deus no Brasil, Emilio Conde (1960) retrata como foi o processo de evangelização e implantação das igrejas da denominação no país, tendo seu ponto de partida em Belém, no Estado do Pará. Entre as descrições, diversos testemunhos foram cruciais para o avanço da missão.

Dentre os relatos, o destaque sobre a evangelização da cidade de Espera Feliz, no Estado de Minas Gerais, expõe bem como a atuação do Espírito Santo em pessoas simples irrompia as barreiras para a evangelização no Brasil e dava início ao ministério das Assembleias de Deus:

A mensagem Pentecostal chegou à cidade de Espera Feliz, através do testemunho de um jovem farmacêutico cujo nome é Waltair Gomes de Matos. A conversão de Waltair aconteceu na Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, no mês de março de 1938, no dia em que a Assembleia de Deus inaugurou seu templo no Campo de São Cristóvão. O jovem farmacêutico foi a única pessoa que se decidiu aceitar a Cristo naquela ocasião festiva, na presença de milhares de pessoas. Muito embora alguns ficassem decepcionados na inauguração do templo, contudo, como veremos abaixo, um ano depois essa única pessoa havia levado a Cristo mais de duzentas almas. Waltair Gomes de Matos, morava e exercia sua profissão em Espera Feliz. Visitava ele o Rio de Janeiro quando se converteu Logo

que voltou à sua cidade, tão alegre se sentia com a nova vida, que decidiu anunciar as Boas Novas a todos, em toda a cidade. A fim de que todos fossem mais bem informados, Waltair convidou o pastor Belarmino Pedro Ramos, de Petrópolis, para visitar Espera Feliz, a fim de expor ao público a mensagem do Evangelho de Cristo. Os primeiros cultos realizados em Espera Feliz foram efetuados em um barracão de empacotar fumo, na rua da Máquina. O local não era apropriado, mas não havia outro; os zombadores passavam e gritavam: Olha onde eles se reúnem; isso não vai. Entretanto, apesar da má vontade deles foi e venceu. Algum tempo depois o Sr. Pires, cuja família pertencia à igreja Presbiteriana ofereceu um antigo depósito de café, para os crentes se reunirem. O gesto do Sr. Pires levantou protestos de pessoas de influência, porém ele manteve o oferecimento. A visita de Belarmino Pedro Ramos animou os primeiros convertidos. Alguns meses depois o pastor José Antônio de Carvalho visitava Espera Feliz a fim de continuar o trabalho iniciado pelo pastor Belarmino. Ao fim de 25 dias de intensa atividade do pastor Carvalho, pregando, visitando e ensinando, o resultado foram 62 pessoas decidiram-se por Cristo. O terceiro obreiro a visitar Espera Feliz foi Eugênio de Oliveira, que também teve o privilégio de ver 67 pessoas aos pés do Salvador. Belarmino Pedro Ramos e Manoel Cristóvão visitaram novamente a igreja de Espera Feliz; em onze meses de atividades, mais de duzentas pessoas haviam aceitado a Cristo. Esse fato despertou inveja de alguns, e ódio de outros. Iniciou-se, então um movimento de propaganda contra a Assembleia de Deus, que chegou a despertar curiosidade entre o povo. O resultado foi que muitos iam assistir os cultos, por curiosidade, e convertiam-se em testemunhas de Cristo. No dia 19 de julho de 1940, no pastorado de José Antônio de Carvalho, a Assembleia de Deus em Espera Feliz inaugurou o seu templo, acontecimento que repercutiu em toda a cidade. (CONDE, 1960 p. 258-259)

Conde (1960) ainda relata que apenas depois de dezesseis anos desde que a mensagem pentecostal chegou ao Brasil, que se deu a chegada à São Paulo, que ele classifica como a grande cidade industrial.

Daniel Berg e sua esposa chegaram a São Paulo, sem conhecer ninguém e sem levar consigo nenhum endereço de qualquer pessoa. Somente tinham escutado e confiado na direção divina. Como marca registrada do movimento, sem muitos recursos financeiros, resolveram alugar uma casa em um dos lugares mais humildes da cidade. Dessa forma, alugaram uma casa na Vila Carrão, zona leste da cidade. Conde (1960) relata que os primeiros cultos eram realizados na sala da casa do casal missionário, com duas ou três pessoas

participando com eles. Os vizinhos aos poucos iam tomando conhecimento das reuniões que eram realizadas a portas fechadas.

Certo dia em uma de suas reuniões de oração, declara Conde, uma senhora que ouviu o cântico dos hinos, bateu na porta: quando atenderam, perguntou se ali moravam crentes. Quando teve resposta afirmativa declarou que se convertera na Assembleia de Deus em Maceió, transferindo-se para São Paulo e durante muito tempo pediu a Deus que enviasse um obreiro para aquela grande cidade, e a resposta aí estava, disse ela. Estava iniciado o trabalho de divulgação da mensagem Pentecostal na capital do Estado. (CONDE, 1960 p. 265)

Outro relato que corrobora para a proposição do capítulo em questão é em como a mensagem Pentecostal começou a ser pregada em Santos, cidade do litoral paulista, local este onde se estabeleceu a primeira igreja Assembleia de Deus no Estado de São Paulo:

A cidade de Santos teve o privilégio de ser uma das primeiras do Estado de São Paulo a receber a mensagem Pentecostal. Para sermos exatos, foi em Santos onde se estabeleceu a primeira Assembleia de Deus no Estado de São Paulo. A história registra o dia 5 de maio de 1924 como data em que se iniciou a proclamação do trabalho Pentecostal na cidade de Santos. Não foram missionários nem pastores os iniciadores; alguns crentes que se transferiram de Recife para Santos, levaram nos corações o testemunho vivo da Palavra de Deus. A primeira preocupação dos servos de Deus foi anunciar a mensagem do Evangelho. Entre os primeiros crentes que chegaram a Santos estavam os seguintes: Vicente Limeira; Hermínia Limeira; Francelino Corrêa e Otávio Corrêa. Os primeiros cultos realizados na cidade praiana efetuaram-se na Avenida Rei Alberto. A primeira pessoa convertida foi Amélia Barreiros. O pequeno grupo de crentes não tinha pastor; eles reuniam-se cantavam, oravam e testificavam e pediam ao Senhor que lhes enviasse um pastor. Deus ouviu as orações e enviou-lhes, então, o missionário Daniel Berg, que esteve algum tempo servindo ao Senhor na cidade de Santos. (CONDE, 1960 p. 268)

O Pentecostalismo e o Ministério dos Leigos no Brasil emerge como uma narrativa rica e intrincada, delineando a trajetória notável do Pentecostalismo que ecoa desde a Rua Azusa até os confins do Brasil. Este capítulo destaca não apenas a influência global do movimento, mas também a resiliência de figuras

como Daniel Berg e Adolf Gunnar Vingren, cuja jornada pioneira moldou o cenário religioso brasileiro de maneira indelével.

Ao iniciar sua missão no Brasil, esses missionários enfrentaram desafios monumentais, desde a profecia inicial em um culto em 1910 até a fundação da Assembleia de Deus em 1917. A atuação dos leigos, muitas vezes desconsiderados e desafiados pela falta de recursos e apoio, revelou-se fundamental para a expansão e consolidação desse movimento. A história de Espera Feliz/MG, marcada pelo testemunho de Waltair Gomes de Matos, ilustra vividamente como o Espírito Santo, atuando através de indivíduos simples, superou obstáculos e desbravou novos horizontes para a mensagem Pentecostal.

A chegada desse movimento ao Estado de São Paulo, narrada pelo estabelecimento da igreja Assembleia de Deus, na cidade de Santos, que teve o privilégio de ter sido o município onde se estabeleceu a primeira Assembleia de Deus no Estado no ano de 1924, revela a disseminação da mensagem Pentecostal pelo litoral paulista. Também vale destacar como ocorreu a implantação da primeira igreja Assembleia de Deus na capital paulista, localizada no bairro da Vila Carrão, evidenciando a propagação rápida e abrangente da fé Pentecostal, mesmo em contextos urbanos desafiadores. Assim, este capítulo não apenas examina o passado, mas também projeta uma sombra influente sobre o presente, destacando a interseção única entre o Pentecostalismo e o ministério dos leigos no tecido religioso do Brasil.

O papel essencial desempenhado pelos leigos na propagação da mensagem Pentecostal não apenas moldou o cenário religioso brasileiro, mas também contribuiu para a formação de uma identidade única e vibrante no movimento Pentecostal no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa visou a compreensão sobre o pentecostalismo e suas contribuições para o ministério dos leigos no Brasil, destacando os aspectos históricos sobre pentecostalismo a partir da Rua Azusa, onde uma análise foi feita sobre suas origens e evolução. Focando na ênfase do Pentecostalismo na experiência direta com o Espírito Santo, destacou-se a importância crucial do movimento liderado por William J. Seymour entre 1906 e 1909. De acordo com as perspectivas apresentadas pelos autores pesquisados neste trabalho, o movimento de Rua Azusa não apenas marcou o início do Pentecostalismo, mas também estabeleceu padrões para a busca do Espírito Santo em escala global, moldando a identidade pentecostal ao longo do século e continuando a influenciar a fé e prática pentecostal contemporâneas.

Este trabalho também visou destacar as figuras presentes na raiz do movimento: Parham, Seymour e Bartleman, cada um à sua maneira, e suas contribuições fundamentais na fundação e expansão do Pentecostalismo, deixando legados teológicos, espirituais e sociais que moldaram o movimento e influenciaram sua trajetória global. Essas figuras-chave não apenas lideraram movimentos e avivamentos, mas também forneceram as bases para uma fé dinâmica que continua a impactar as comunidades pentecostais até os dias atuais. A partir dos levantamentos feitos, nota-se a marcante ênfase no Espírito Santo, destacando a evolução das práticas e crenças pentecostais relacionadas à experiência direta com a terceira pessoa da Trindade Santa. Conforme as narrativas apresentadas pelas testemunhas oculares do movimento pentecostal, o presente trabalho buscou oferecer perspectivas sobre como a manifestação do Espírito, especialmente o falar em línguas e como essa ênfase moldou o movimento, transcendendo convenções humanas.

A presente pesquisa contribuiu com mais um estudo de tema tão visitado mostrando elementos pertinentes aos contextos, que seguem presentes nos cultos pentecostais contemporâneos, evidenciada como elemento unificador na comunidade pentecostal.

As narrativas apresentadas ampliam a compreensão ao mostrar como as práticas pentecostais, influenciadas pelo avivamento, transcendem os limites do espaço eclesial, permeando a vida cotidiana dos crentes. As contribuições teológicas expostas no trabalho visam enriquecer a discussão, revelando as raízes metodistas no pentecostalismo e contextualizando o movimento no cenário histórico mais amplo. Assim, a herança do avivamento da Rua Azusa persiste de maneira profunda, tanto nas práticas cotidianas quanto nas bases teológicas do pentecostalismo contemporâneo.

A pesquisa visou o exame da trajetória histórica do movimento, especialmente focalizando os líderes visionários Daniel Berg e Adolf Gunnar Vingren. Essa análise histórica delinea não apenas os desafios enfrentados pelos líderes, mas também destaca o papel essencial desempenhado pelos leigos, frequentemente subestimados. O estudo de casos em Espera Feliz, Santos e São Paulo busca oferecer uma compreensão detalhada de como os leigos, impulsionados pela convicção e influência do Espírito Santo, desempenharam um papel crucial na propagação da mensagem Pentecostal em diversas regiões do Brasil.

Ao projetar essa análise no cenário contemporâneo, a pesquisa visou ressaltar a interseção singular entre o Pentecostalismo e o ministério dos leigos, fornecendo não apenas uma investigação histórica, mas também uma compreensão crítica da influência contínua que molda a vibrante identidade religiosa do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTLEMAN, Frank: A História do Avivamento Azusa, Editora D'Sena / Worship, 1925.

CAMPOS, S. Leonildo: As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CECIL, Robeck: THE AZUSA STREET MISSION AND REVIVAL - The Birth of the Global Pentecostal Movement, Thomas Nelson, 2006.

CONDE, Emílio: História das Assembleias de Deus no Brasil, Rio de Janeiro, 1ª edição, 1960

DAYTON, Donald W.: Theological Roots of Pentecostalism, Baker Academic, 1987.

DEMPSTER, Stephen G.: Spreading the Fire: The Rise of the Pentecostal Holiness Church and the Azusa Street Revival, 1986.

FEE, Gordon D.: Paulo, o Espírito e o Povo de Deus – São Paulo: Vida Nova, 2015.

FRESTON, Paul: Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo, Editora Vozes, 1994

HOLLENWEGER, Walter. Pentecostalism: Origins and Developments Worldwide. Peabody, Mass. Hendrickson Publishers, 1997.

MARIANO, Ricardo: Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, Edições Loyola, 2020.

McCLUNG, Grant L. Jr.: Azusa Street and Beyond: Pentecostal Missions and Church Growth in the Twentieth Century, Bridge Publishing, 1986.

SYNAN, Vinson: O Século do Espírito Santo: 100 do Avivamento Pentecostal e Carismático, Editora Vida, 2011.

WAGNER, Peter: Cuidado! Aí Vem os Pentecostais, Editora Vida, 1975.

WELCHEL, Tommy: True Stories of the Miracles of Azusa Street and Beyond: Re-live One of The Greastest Outpourings in History that is Breaking Loose Once Again, Destiny Image, 2013.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Fox_Parham#:~:text=Parham%2C%20os%20motivos%20seriam%3A%20%E2%80%9C,participava%20antes%20de%20se%20converter.

<https://avivamentonosul21.comunidades.net/charles-fox-parham>

https://web.archive.org/web/20070529010958/http://www.ag.org/enrichmentjournal/199904/026_azusa_3.cfm

<file:///C:/Users/Uello/Downloads/Dialnet-ONascimentoDoPentecostalismoGlobal-6342707.pdf>

<https://www.avivamentoja.com/william-seymour-e-a-rua-azusa/>